

Tema 6. O ser humano, imagem de Deus

O homem é a única criatura com capacidade de conhecer e amar, que vai além do material e finito. Se Deus nos criou com espírito, é para que O conheçamos e amemos: a criação do homem à imagem de Deus implica a possibilidade de uma relação de comunicação mútua. O ser humano, sendo imagem de Deus e participando d'Ele, que é amor, é um ser capaz de amor.

01/10/2022

Sumário:

- O homem criado à imagem de Deus
 - O ser humano: criado por amor, criado para amar
 - Dimensões do ser humano: inteligência, vontade, afetos
 - A sociabilidade humana
-

1. O homem criado à imagem de Deus

O livro do Gênesis diz que “Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher”^[1].

Trata-se, sem dúvida, de uma revelação da máxima importância.

Depois da criação do mundo material, do mundo vegetal e do mundo animal, Deus cria – não estamos considerando aqui o mundo dos anjos – a criatura humana. Há uma distinção nítida e radical entre os seres não humanos e os seres humanos: só os humanos são imagem de Deus; refletem de Deus muito mais do que simplesmente ter sido criados por Ele; participam da divindade de Deus de um modo superior à natureza não humana, embora essa semelhança não anule, logicamente, a distinção entre a natureza humana e a natureza divina. “A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. O relato bíblico expressa esta realidade com uma linguagem simbólica quando afirma que ‘o Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente’ (Gn 2, 7)”^[2].

Esta posição intermediária do ser humano entre o mundo material-animal e a divindade, pode ser negada por dois extremos. No primeiro caso, o homem se erige em senhor absoluto de si mesmo e de toda a criação; no segundo, considera-se o ser humano como um simples produto da evolução animal, por complexa que seja concebida, privado de espiritualidade e liberdade.

Para evitar esses dois erros e aceitar mais facilmente essa verdade de fé basta, no entanto, refletir sobre a experiência que temos de nosso modo de ser.

São evidentes, por um lado, muitas limitações que manifestam e constituem nossa finitude: não conseguimos, por exemplo, fazer tudo o que queremos (seja por causa de obstáculos externos ou internos); acontecem-nos muitas coisas que não

controlamos, nem queremos, nem prevemos; vivemos num fluxo de tempo e de acontecimentos que não podemos inverter nem deter. De modo que nossa finitude é evidente.

Por outro lado, porém, não são menos evidentes certos traços de nossa vida que escapam dessa finitude, que a tornam porosa de alguma forma ou abrem-na ao infinito. Constatamos, para começar, o fato surpreendente de que, sendo finitos, nós o sabemos ou temos consciência disso; ora, se sabemos que somos finitos, é porque nosso entendimento ultrapassa de alguma forma o limite da própria finitude. Além disso, e com relação às limitações antes indicadas, não conseguimos sem dúvida muitas coisas que queremos, podemos, porém, concebê-las e desejá-las, embora se trate inclusive de propósitos impossíveis de realizar; sobrevêm-nos necessariamente

acontecimentos incontroláveis mas podemos, de alguma forma, resistir a eles ou ter uma atitude interior diante deles; o tempo passa mesmo para nós e em nós de um modo forçosamente irreversível, vivemos sempre, porém, num contínuo e permanente “agora” do qual podemos contemplar e dar sentido ao passado e de certa forma ao futuro.

Em definitivo, somos indubitavelmente finitos vivendo além disso num mundo material finito; percebemos também, porém, a capacidade de distanciar-nos ou desprender-nos dos condicionamentos da finitude. Tal capacidade só é possível por sermos espirituais e vemos nisso o que nos assemelha a Deus, Espírito infinito e absoluto.

Certa teoria humanista pretende sustentar a ideia de um ser humano

com espírito, mas um espírito finito – mais ou menos ilustrado – que não seja nem imagem de Deus nem esteja, portanto, orientado para Ele. Semelhante concepção é problemática tanto teoricamente, pois a natureza de um espírito é de si participar do absoluto e tender para ele, como praticamente, pois a experiência pessoal e histórica mostra que romper a relação com Deus acaba por diluir a dignidade da pessoa humana. “Não existe outra alternativa. Só são possíveis dois modos de viver na terra: ou se vive vida sobrenatural, ou vida animal”^[3].

2. O ser humano: criado por amor, criado para amar

Que “Deus criou o homem à sua imagem” implica também duas afirmações fundamentais: que fomos criados por amor e que fomos criados para amar.

Em primeiro lugar, se Deus é perfeito e absoluto, não necessita de nada, nem de ninguém. Daí se deduz que Deus é absolutamente transcendente e livre; quer dizer, que não criou o mundo ou o homem por necessidade, mas com plena liberdade. A criação é um dom gratuito de Deus: com outras palavras, toda a criação é obra de seu amor. Devemos rejeitar a frequente tentação de submeter Deus, ou a Vontade de Deus, à nossa lógica ou às nossas condições.

Em segundo lugar, se Deus nos criou à sua imagem, foi para entabular um possível relacionamento com o homem. Em outras palavras, se Deus nos fez capazes de conhecer e de amar além daquilo que é material e finito, se nos criou com espírito, é para que conheçamos e amemos a Ele. “De todas as criaturas visíveis, só o homem é “capaz de conhecer e amar seu Criador” (*Gaudium et Spes*, 12, 3); ele é “a única criatura na terra

que Deus quis por si mesma (*Gaudium et Spes*, 24,3)"; só ele é chamado a compartilhar, pelo conhecimento e pelo amor, a vida de Deus. Foi para este fim que o homem foi criado, e aí reside a razão fundamental de sua dignidade"^[4].

Pode-se dizer, de outro ponto de vista, que a criação do homem à imagem de Deus implica a possibilidade de uma relação de comunicação mútua. A iniciativa dessa comunicação, porém, se se refere à intimidade, só pode provir de Deus, pois o conhecimento natural humano não pode de si aceder à intimidade de Deus (na verdade, nem a nenhuma outra intimidade se ela não lhe for aberta). E foi efetivamente isso que Deus fez: Deus se revelou a nós, comunicou-nos sua natureza mais íntima. Pois bem, essa profunda revelação chega a nós por São João do modo mais explícito: "Deus é amor"^[5].

Isto significa que o ser humano, sendo imagem de Deus e participando d'Ele, que é amor, é um ser capaz do amor: é esta a sua essência e definição mais profunda, que determina o que ele é e chega a ser, “cada um é tal qual aquilo que ama”^[6]; e é capaz de amor porque, tendo sido criado por amor, já recebeu este amor, foi amado primeiro: “Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos Ele amado”^[7]; “mas amamos, porque Deus nos amou primeiro”^[8]. Por isso todo o dinamismo da vida moral, as virtudes, é informado pelo amor, pela caridade. “A caridade ordena os atos de todas as outras virtudes para o fim. E assim sendo, também dá forma aos atos de todas as outras virtudes. E por isso é considerada a forma delas”^[9].

3. Dimensões do ser humano: inteligência, vontade, afetos

Definir o homem como ser que ama ou capaz de amar pode ser ambíguo, dependendo do que se entenda por amor, termo com um uso atual excessivamente amplo e diverso. Em geral, pode-se dizer que o amor é, ou pelo menos acolhe, um desejo; o ser humano pode, porém, desejlar de diversas maneiras (de modo egoísta ou altruísta), em níveis diferentes de sua natureza (sensível ou espiritualmente) e, além disso, dirigindo-se a objetos muito diferentes (por exemplo, inferiores ou superiores ao próprio homem, objetos em si bons ou maus, etc.) que caracterizam diversamente esse desejo e, portanto, o próprio sujeito que deseja. A luz da fé indica que o modo de amar mais próprio do ser humano, imagem de Deus, é amar como Ele ama.

Amar como Deus ou amar espiritualmente significa, em síntese, amar com liberdade, de verdade e

com verdade. Em outras palavras, significa elevar a afetividade ao nível no qual a razão discerne nella verdade ou falsidade, correção ou incorreção, e abre ou dirige o amor para o outro; o que, evidentemente, só se pode fazer de modo livre ou voluntário. Trata-se então, de aplicar as três dimensões fundamentais do ser humano enquanto espírito: a inteligência ou o *logos* que lucidamente e de modo absoluto discerne o tipo de amor e o abre a outras pessoas; a vontade que decide livremente como responder a esse pedido lúcido e amoroso ao mesmo tempo; e a afetividade que, na sua forma mais profunda e suprema, constitui propriamente o amor.

Evidentemente, também vemos em nós um nível não espiritual onde falta lucidez, liberdade ou amor autêntico. Trata-se então, de integrar essas três dimensões humanas em seu nível mais elevado ou espiritual;

sem ceder, portanto, a reducionismos que no fundo pressupõe uma ideia do ser humano como um ser só material, animal ou socialmente gregário.

Nesse nível espiritual, inteligência e amor andam juntos harmoniosa e simultaneamente. “Não aparece a inteligência e depois o amor: *existe o amor rico em inteligência e a inteligência cheia de amor*”^[10]. *Eros* e *ágape*, que muitas vezes foram radicalizados e opostos entre si (como amor de desejo e amor de benevolência, amor ascendente e amor descendente, amor possessivo e amor oblativo, amor a si próprio e amor ao outro, etc.), integram-se elevando-se e purificando-se. “Na realidade, *eros* e *ágape* – amor ascendente e amor descendente – nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas

dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente — fascinação pela grande promessa de felicidade — depois, à medida que se aproxima do outro, fará cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, se preocupará cada vez mais dele, se doará e desejará ‘existir para’ o outro. Assim se insere nele o momento da *agape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblativo, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom”^[11].

4. A sociabilidade humana

Deus, ao revelar-nos a sua essência como amor, revelou-nos, além disso, algo do modo como ama; e não só do modo como ama as criaturas humanas, mas como ama em si mesmo. Deus ama interpessoalmente; Deus é Trino, uma Trindade de pessoas que se conhecem e se amam mutuamente. De modo que, se somos imagem de Deus, somos chamados a amar assim e possuímos já em nós uma marca ou participação desse amor interpessoal.

Esta dimensão do amor, o amor ao outro, pode ser vislumbrada na experiência natural, tanto do amor como da experiência do outro enquanto pessoa. Por um lado, o amor é desejo, ele move, é movimento; e o natural é arrancar o sujeito de si mesmo rumo ao superior, rumo a outras pessoas. Por outro lado, a autêntica experiência que temos dos outros não é

simplesmente a experiência de outros ‘objetos’ aos quais talvez respondamos, se quisermos; é em primeiro lugar a experiência de outros ‘sujeitos’ que de entrada exige de nós resposta e diante dos quais nos sentimos primariamente interpelados. Esta descoberta natural aparece reforçada, por sua vez, pela verdade de fé que estamos considerando, o ser humano como imagem de Deus. Se o outro é, com efeito, imagem de Deus, amar o outro é amar a imagem de Deus, amar alguém a quem Deus ama, amar o próprio Deus.

Amor é, portanto, amor essencialmente interpessoal: “Porque repleta de verdade, a caridade pode ser compreendida pelo homem na sua riqueza de valores, partilhada e comunicada. Com efeito, a verdade é ‘lógos’ que cria ‘diá-logos’ e, consequentemente, comunicação e comunhão (...). A verdade abre e une

as inteligências no lógos do amor: tal é o anúncio e o testemunho cristão da caridade”^[12]. Por isso o Novo Testamento apresenta unidos os mandamentos do amor a Deus e o amor ao próximo^[13], de modo que um leva ao outro: o amor a Deus leva ao amor ao próximo, e o amor ao próximo leva ao amor a Deus. “Tu, que amas teu irmão, necessariamente amas o mesmo amor. Ora, ‘o amor é Deus’. Aquele que ama o irmão, portanto, por certo ama a Deus”^[14].

É nestes pressupostos antropológicos e éticos profundos que se fundamenta a sociabilidade humana, e não apenas em uma questão fática de convivência em comunidade necessária e útil. Por isso a sociabilidade também se alimenta do amor e se compõe primeiramente das relações e comunidades propriamente amorosas: a família e a amizade. Só através da socialização,

do contato com outros, o ser humano cresce e se desenvolve em sua natureza própria: “Um ser humano é feito de tal forma que não se realiza, não se desenvolve nem pode encontrar sua plenitude ‘a não ser no sincero dom de si mesmo’ (*Gaudium et spes*, n. 24) aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros”^[15].

Nós o vemos assim no próprio Evangelho: “Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”^[16], e daí se extraem ricas consequências para a família como célula básica da sociedade. “Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a

responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano”^[17].

E com relação à amizade – “chamei-vos amigos”^[18] – acontece o mesmo: nutre-se do amor de Deus e constrói comunidade. “Com a graça que Ele nos dá, ficamos tão elevados que somos realmente seus amigos. Com o mesmo amor que Ele derrama em nós, podemos amá-Lo, estendendo o seu amor aos outros com a esperança de que também estes tenham o seu lugar na comunidade de amigos fundada por Jesus Cristo”^[19].

Sergio Sánchez-Migallón

Bibliografia

- *Catecismo da Igreja Católica*, n. 355-368

^[1] Gn. 1, 27.

^[2] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 362.

^[3] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 200.

^[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 356.

^[5] 1 Jo 4, 8 e 16.

^[6] Santo Agostinho, *Comentário da Primeira Epístola de São João*, tratado II, n. 14.

^[7] 1 Jo 4, 10.

^[8] 1 Jo 4, 19.

^[9] São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, questão 23, artigo 8.

^[10] Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 30.

^[11] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 7.

^[12] Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 4.

^[13] Cfr. Mt 22, 40; 1 Jo 4, 20 e 21; etc.

^[14] Santo Agostinho, *Comentário da Primeira Epístola de São João*, tratado 9, n. 10.

^[15] Francisco, Encíclica *Fratelli tutti*, n. 87.

^[16] Mt. 12, 50.

^[17] São João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 11

^[18] João, 15, 15.

^[19] Francisco, *Christus vivit*, n. 153.

Sergio Sánchez-Migallón

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/tema-6-o-ser-
humano-imagem-de-deus/](https://opusdei.org/pt-br/article/tema-6-o-ser-humano-imagem-de-deus/) (13/01/2026)